

**Entre saberes tradicionais, ancestrais e técnico-científicos na agroecologia:
um relato de experiência da 1ª Troca de Saberes da UFV/CRP**
*Between traditional, ancestral and technical-scientific knowledge in agroecology: an
experience report of the UFV/CRP's 1st Knowledge Exchange*

CAMPOS, Larissa ¹; GUARCONI, Talita²; CORREA, Lays³, MENDES, Fabrícia⁴;
JESUS, Thaís Monteiro³

¹ Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, larissa.sousa@ufv.br; ² Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa, talita.g.guarconi@ufv.br; ³ Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, lays.correa@ufv.br, ⁴ Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, fabricia.mendes@ufv.br; ⁵ Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa, thais.jesus@ufv.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e os resultados da 1ª Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio Paranaíba-MG, que aconteceu em maio de 2023. O evento contou com a participação de diferentes agricultoras e agricultores familiares do Alto Paranaíba, produtoras e produtores agroecológicos, a comunidade indígena Xucuru-Kariri, além da comunidade acadêmica. Diversas atividades foram ofertadas: acolhimento dos grupos convidados, café da manhã, feira de produtos agroecológicos, doação e troca de mudas e sementes, pintura com tintas produzidas a partir de diferentes solos, realizada por crianças indígenas e não indígenas, apresentação de Torés e a roda de conversa, cujo tema central foi, justamente, a agroecologia. O evento possibilitou o início de uma articulação local e regional de intercâmbios agroecológicos, além da profícua troca entre saberes tradicionais, ancestrais e técnico-científicos.

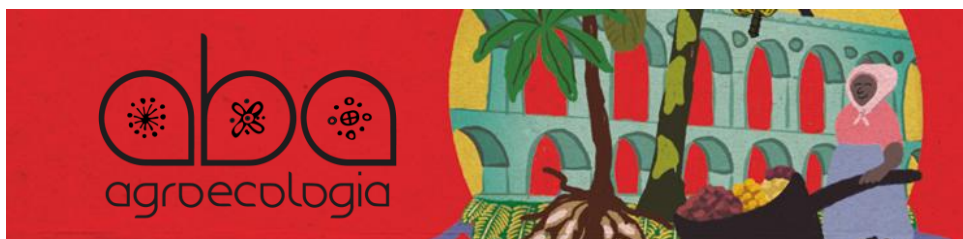
Palavras-Chave: Troca de Saberes; Agroecologia; Comunidades tradicionais

Keywords: Knowledge Exchange; Agroecology; traditional communities

Contexto

A 1ª Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), campus Rio Paranaíba (CRP), ocorreu em maio de 2023, no município de Rio Paranaíba – MG. O campus da UFV/CRP iniciou suas atividades em 2007 e, atualmente, é o menor município do país a abrigar um campus universitário federal.

Inserida em contextos do bioma Cerrado, até a década de 1970, Rio Paranaíba apresentava uma agricultura de menor porte, com população predominantemente rural, tendo como foco o cultivo de milho e feijão, e a pecuária de pequeno porte. Apesar de pequena, a cidade está entre os cem maiores produtores do Brasil, em valor de produção agrícola (IBGE, PAM/2021). A posição geográfica e a topografia plana facilitaram a mecanização e tornaram a região do Alto Paranaíba atrativa. Essa transformação ocorreu a partir de 1970, durante a modernização conservadora na revolução dita verde, onde com o desenvolvimento de novas tecnologias, acreditou-se possível transformar os solos do cerrado, antes considerados impróprios para o



cultivo agrícola, em terras extremamente produtivas. Esse contexto, atrelado ao PADAP (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba)¹, implantado pelo regime militar, levou à expansão da fronteira agrícola da região, destino que contribuiu para a erosão da biodiversidade e de muitos conhecimentos tradicionais associados a ela.

Inicialmente, as culturas implantadas foram as *commodities* agrícolas, principalmente soja, milho e café, e posteriormente no final da década de 1980, foram implantadas, outras como cenoura, alho, batata, cebola, abacate. Atualmente, o Alto Paranaíba é o maior produtor de cenoura e alho do país. O tamanho médio das primeiras propriedades, que era de 275 hectares, passou para 451 hectares em 2007, apontando, assim, para um aumento da concentração fundiária na região (Santos et al., 2012). Nesse cenário de grandes propriedades rurais, extensamente mecanizadas e altamente produtivas, as alternativas a este modo de produção intensivo são pouco numerosas, além de serem isoladas social e geograficamente.

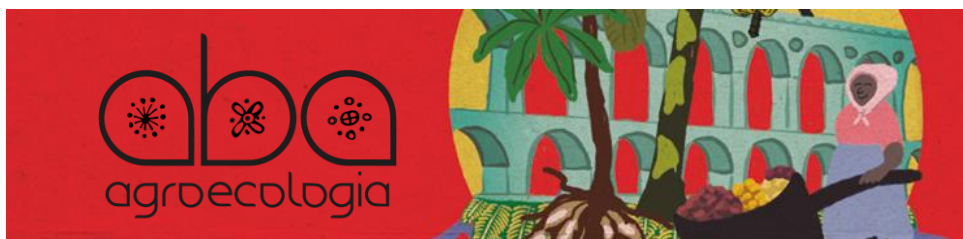
Por esses motivos, a agroecologia ainda é tema incipiente nesse cenário, e assim, em tônica de resistência, emergiu a motivação para a organização da 1ª Troca de Saberes no CRP, um evento que buscou identificar e articular experiências agroecológicas na região com o objetivo de potencializar o encontro de saberes entre agricultores familiares, produtores agroecológicos, comunidades tradicionais e a comunidade acadêmica.

Descrição da Experiência

A Troca de Saberes é uma atividade que já acontece na Universidade Federal de Viçosa, campus Viçosa, desde 2009 e consiste em um grande encontro da agroecologia, que coloca o saber popular no centro do campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Reúne agricultoras e agricultores familiares, juventude rural, quilombolas, indígenas, crianças, estudantes, professoras/es e técnicas/os que trazem suas vozes e manifestações para a Universidade. A Troca é um caminho importante para a construção de um conhecimento a favor da sociedade, do ambiente e das pessoas do campo e da cidade.

Para a realização do evento no contexto do CRP, foi feito um trabalho de mapeamento de grupos locais e regionais que poderiam participar, com o apoio de movimentos sociais organizados e de dados secundários. Após contato por telefone, foram realizadas visitas pelas organizadoras, sendo algumas delas em um assentamento de Campos Altos e um em Coromandel, ambos municípios do Alto Paranaíba, e uma na aldeia indígena Renascer Wakonã, em Presidente Olegário – MG, localizado entre o Alto Paranaíba e o Noroeste de MG. O deslocamento transcorrido evidenciou o isolamento geográfico entre as localidades, que ficam entre 70 e 170 km do CRP, sendo essa distância um dos desafios para a articulação regional, além da inserção em um mosaico de uso da terra contrastante entre o que

¹O PADAP foi uma política agrária de ocupação do cerrado na década de 1970 que compreendeu os municípios de São Gotardo, Rio Paranaíba, Ibiá e Campos Altos, localizados no Alto Paranaíba, MG. Segundo PAIVA et al “PADAP foi caracterizado pela distribuição de terras desapropriadas pelo governo federal e por um processo de colonização, no qual produtores selecionados pela Cooperativa Agropecuária de Cotia concedeu lotes de terra (...) através de um programa de crédito agrícola integrado com assistência técnica e tecnológica oferecida pelo setor rural estadual agências de pesquisa e extensão e universidades públicas” (tradução nossa, 2017, p. 184).



resiste da biodiversidade do Cerrado e as grandes extensões monoculturais, nas quais pivôs centrais se destacam no horizonte. Além disso, foram contatados grupos locais, como produtoras e produtores agroecológicos, agricultoras e agricultores familiares, quilombolas, além de uma escola de ensino fundamental.

Com a intenção de incorporar as metodologias de construção dos espaços propostos pela Troca de Saberes em Viçosa, a montagem das tendas para o evento ocorreu no gramado principal da UFV-CRP, para ocupar os espaços com cultura e (bio)diversidade. Houve um momento de acolhimento para os participantes, um café da manhã com prosa boa e produtos locais. O espaço também contou com uma feira de produtos agroecológicos (figura 01) e indígenas (figura 02), uma mesa de troca e doações de mudas e sementes, além de um espaço para as crianças, denominado “Troquinha”, no qual crianças indígenas e não indígenas puderam experimentar a pintura com tinta produzida a partir de diferentes solos da região.

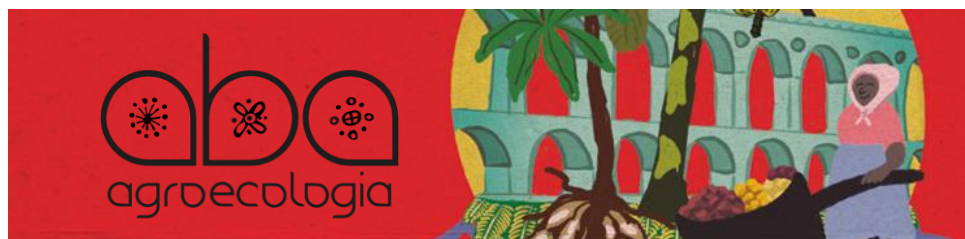


Figura 01 e Figura 02 - Produtos agroecológicos e indígenas expostos na feira.
Fonte: Registro das autoras, 2023

A abertura do evento contou com o povo Xucuru-Kariri, da aldeia Renascer Wakonã apresentando Torés - danças e cânticos de sua cultura (Figura 03).



Figura 03 – Imagem aérea da apresentação do Toré pelos Xucuru-Kariri no CRP.
Fonte: UFV CRP 2023



Na sequência, aconteceu a roda de conversa (Figura 04), encontro entre indígenas, produtores agroecológicos de Rio Paranaíba, estudantes e professores do CRP, e demais participantes. Foi um espaço de troca entre os saberes tradicionais, ancestrais e técnicos-científicos, onde diversas reflexões floresceram. O tema proposto para iniciar foi: *“as potencialidades e desafios da agroecologia no território”*.



Figura 04 – Momento da roda de conversa entre participantes. Fonte: Registro das autoras, 2023.

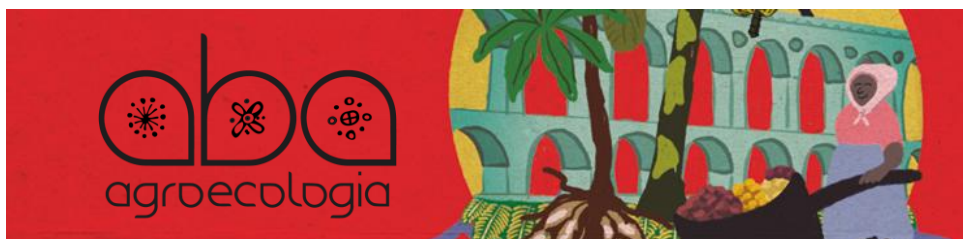
Resultados

Para apresentar os resultados da atividade realizada, foram sistematizados alguns dos conhecimentos compartilhados, bem como as reflexões proporcionadas e motivadas por elas.

“Agroecologia é saúde”. Dona Lurdes, engenheira agrônoma que se reconhece “Agricultora agroecológica de longa data” (segundo ela: desde o século passado), afirma que *“a diversidade dá certo”*. Ela deu um exemplo de consórcio interessante que faz: alface, rúcula, tomate, cebolinha e coentro. Na sequência, emergiu a reflexão de que a agricultura é um campo que diz respeito a todos, que não deveria ser só de interesse e envolvimento de agrárias e ciências da terra. Todos precisam comer! *“Comer é um ato e, portanto, uma escolha: pessoal, coletiva e, também, política”*. Em contrapartida foi levantado o ponto: *“O quanto essa liberdade de escolha é real?”*, olhando pelas lentes das desigualdades sociais e estruturais que permeiam a humanidade.

A reflexão gerada permeou o campo da produção de alimentos no contexto capitalista, citando o exemplo de que a região é uma das principais produtoras de cenoura e alho do país, e mesmo assim o preço desses produtos no mercado local é alto. Isso porque a produção local abastece o CEASA de Patos de Minas e Belo Horizonte, e depois retorna para ser comercializada para a população; com isso, o preço do produto passa incorporar o preço do transporte, o que gera uma grande contradição no contexto da logística do abastecimento de alimentos para a população. *“Qual é o interesse dessa produção? Alimentar a população ou gerar lucro para o agronegócio?”*

Como alternativa para essa problemática, emergiram temas como: a transição agroecológica, a articulação de circuitos curtos de comercialização, a valorização do consumo de alimentos do cerrado, políticas públicas de valorização da agricultura familiar, organização da sociedade enquanto consumidores conscientes, e, também enquanto universidade capaz de trazer visibilidade e somar forças à essas lutas e



construções. Com o processo de articulação desse primeiro encontro, constatou-se que *“Rio Paranaíba tem muito mais quintais produtivos que se tem dimensão”* e que os pequenos produtores muitas vezes se sentem minados por tantos latifúndios ao seu redor, e que por isso muitos almejam esse futuro de inserção dentro de um pacote produtivo do grande produtor, sem conseguir enxergar as vantagens de ser pequeno, pois as desvantagens estão sempre em evidência, quando não se tem o apoio e articulação adequados.

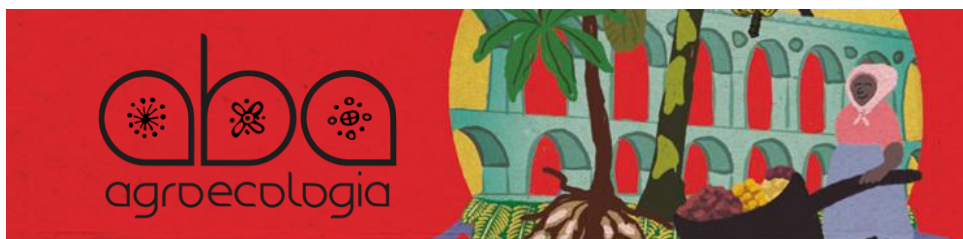
Seguindo a roda, um grande desafio compartilhado foi: a inserção das árvores nos sistemas cultivados, na perspectiva de trazê-las enquanto aliadas - árvore e horta - função acima e abaixo da terra. Elas, além da função sombra e conforto térmico para a Terra, têm um papel na comunicação entre as raízes e microorganismos através da liberação de exsudatos que podem ser benéficos para o sistema. Por isso, uma agricultora presente afirmou que *“sem árvores não há sustentabilidade”*.

Sobre o papel da universidade para a construção do conhecimento agroecológico, foi compartilhada a experiência de um agrônomo presente: *“Dentro da universidade não tem muita abertura para a discussão agroecológica. A formação do agrônomo é para vender insumo, trabalhar em multinacionais, voltados para uma agricultura que não é sustentável. Antes de existir os insumos a agricultura era baseada no que a natureza fornecia”*. Para enriquecer a colocação do mesmo, foi trazida a perspectiva de resgate desses conhecimentos que foram esquecidos, em busca de produções sustentáveis que gerem renda. O maior desafio é justamente encontrar dentro da universidade pessoas dispostas a acolher e fomentar essas discussões, para transformar as ideias em prática.

O povo Xukuru-Kariri estava presente nessa roda de conversa, até o momento escutando atentamente às questões propostas. No decorrer do encontro, começaram a contar sua história. Edson relata que *saiu de Alagoas com 14 anos, em 2001, após anos de conflitos. Recorda de seu pai e seu tio plantando sem adubo e sem agrotóxico, e que as plantas davam colheita o ano todo, cada uma no seu tempo*. Parte de seu povo se mudou para o município de Caldas, no interior de Minas Gerais, onde o clima é muito diferente de sua Terra originária, e, além de problemáticas como o enfrentamento de geadas, relataram que as plantas não cresciam sem adubo, como aprenderam com seus ancestrais. No ano de 2018 conseguiram ser realocados para o município de Presidente Olegário-MG, onde residem até o momento presente². Lá, apesar de não ter a problemática do frio, ainda há o desafio de compreender novas relações entre a Terra, o bioma, o clima e os tempos de cada planta.

A relação entre um povo e a Terra é a construção da sua própria identidade, uma relação intrínseca de saberes construídos ao longo da sua história. Relataram que *“a Terra lá (Alagoas) oferece bastante remédio”*, que na aldeia tem um grupo que

²O Povo Xukuru-Kariri possui uma longa história de conflitos e luta por direitos em seus territórios, que remonta à chegada dos portugueses ao Brasil. Estudos apontam que são originários do semiárido de Pernambuco e migraram para Alagoas fugindo de conflitos, perseguições e mortes. Muitos indígenas ficaram sem teto e sem terra e passaram a trabalhar nas lavouras locais, inclusive em suas próprias terras invadidas (SILVA e PAES, 2022). Parte dos Xukuru migrou para a Bahia em busca de melhores condições de vida, e destes, uma parte chegou a Minas Gerais no final da década de 90, quando apresentaram a Funai uma reivindicação de terra no estado, no município de Caldas, onde residem ainda. Em razão de conflitos internos e atraídos pela oferta de trabalho nas lavouras, parte desses indígenas migrou para a região do Alto Paranaíba. Após muita luta, receberam a cessão de outra terra, no município de Presidente Olegário, sendo essa a única aldeia indígena de toda essa região do estado, entre Alto Paranaíba, Noroeste e Triângulo Mineiro (CAMARGO, 2020).



sabe fazer as pomadas e remédios e através de alguns rituais já conseguiram descobrir muitas plantas que podem ser utilizadas nesse novo território. Nesse contexto foi destacado pelo grupo a importância dos saberes tradicionais e da diversidade. Raquel, representante da cacica da aldeia, falou sobre a importância de preservar o sagrado. “A água é sagrada. A floresta é sagrada”. Contam que utilizam as florestas para o sustento e bem viver. Para fazerem seus artesanatos, se precisam tirar uma árvore, plantam duas, para que seus filhos e netos possam usufruir dessas mesmas condições no futuro.

Além disso, compartilharam que enfrentam problemas com formigas e que, para eles, a solução não deve ser matá-las. Isso porque, em outubro, elas se tornam alimento para a aldeia, no preparo tradicional da *tanajura*. Destacaram que “precisam aprender a trabalhar lado a lado”, e concluíram que “o indígena caça mas não quer virar predador”.

Com a realização desse encontro, floresceu o entendimento coletivo da importância de se realizar a “Troca” de Saberes e não a “transmissão” de saberes, pois todo mundo tem um saber para compartilhar. Este evento foi apenas o primeiro, e pelas falas e partilhas, pode-se perceber que contribuiu para o início de uma articulação local e regional que pretende tecer relações de benefícios mútuos, como o desenvolvimento de intercâmbios agroecológicos, além de ações e formações que contribuam para a difusão da agroecologia enquanto ferramenta potencializadora de mudanças ambientais, sociais, políticas e econômicas.

Referências bibliográficas

Camargo, Pablo Matos. **Povos indígenas em Minas Gerais**. Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/artigo-povos-indigenas-em-minas-gerais/>. Acesso em 23 de junho de 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal - PAM**. 2021.

Paiva, et al., 2017. Discursive representations of the Agricultural Reform Policy in Brazilian Savanna: the case of Directed Settlement Program of Alto Paranaíba (PADAP). **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras-MG, vol. 19, núm. 3, pp. 177-191, 2017.

Santos et al., 2012. Dinâmica Demográfica e uso da Terra no Cerrado Brasileiro: reflexões a partir da experiência do Padap. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba- SP, Vol. 50, Nº 2, p. 319-332, Abr/Jun 2012.

Silva, Edson; Paes, Isabela. Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. **Revista Direito e Práxis**., Rio de Janeiro, Vol. 13,01, 2022, p.395-423